

Breve panorama de uma pedagogia estratégica em construção no Complexo do Alemão

Formado em 2012 por jovens moradores e moradoras do Complexo do Alemão, o coletivo Ocupa Alemão surgiu primeiramente com o propósito de manifestar a injustiça pela morte de Mário Lucas de 18 anos, morador da Fazendinha, uma das favelas do Complexo do Alemão, assassinado dentro de sua casa por dois Policiais Militares à paisana, na manhã de 26 de novembro de 2012. Com o endereçamento de uma carta aberta ao comando da UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) por conta das mortes e dos toques de recolher frequentes e com os microfones abertos e com atividades culturais, o Ocupa Alemão não sabia mas dava início a uma longa ocupação afetiva, política e cultural do seu território. Composto, desde seu início, por moradores e moradoras do Complexo do Alemão e das ruas do entorno, o movimento teve e têm como “espécie de metodologia” a produção e desenvolvimento de atividades culturais comunitárias autônomas com música, poesia, dança, artes visuais, debates sobre as questões de raça/gênero, família, cidade, moradia, trabalho e economia coletiva/autônoma enquanto estratégias comunitárias. Tendo por escolha política para a realização destas atividades o não uso de verbas ou apoios institucionais, experimentou, entre 2013 e 2016, produções variadas para a sustentação econômica autônoma: venda de comidas, organização de feiras, produção de eventos, venda de bótons, fanzines, camisetas, etc.

O Ocupa Alemão desde 2012 busca criar mecanismos de reivindicação de

direitos básicos de segurança, lazer e moradia. Entre os eventos livres realizados no território, a mesma temática identitária era a chave pedagógica na elaboração de toda a produção; desde as escolhas musicais, o público alvo, o local escolhido e as parcerias. Assim foram realizados em 2015 e 2016 os Ocupas: #Rock, #Rap e #Vandal, três eventos específicos com centralidade temática na descriminalização da produção cultural negra e favelada, e portanto na reivindicação de produções estéticas essencialmente marginais. Rodas de rima locais são ainda hoje espaços de participação ativa do Ocupa Alemão na promoção destes debates, amplificando campanhas por liberdades de presos políticos locais como é o caso internacionalmente conhecido de Rafael Braga, preso e condenado injustamente em 2013, aos 23 anos. As mídias sociais foram importantes em todo o nosso processo político educativo, da comunicação interna diária e intensa, aos planejamentos de atividades e encontros. Todos os dias, um cotidiano intenso de trocas e experiências de amizade, irmandade e partilha. Discordâncias, raxas e reformulações – construções e destruições de um cotidiano real.

O coletivo buscou em sua trajetória desenvolver suas atividades de ocupação cultural considerando as individualidades de seus componentes, seus afetos, suas vontades, suas estratégias políticas pessoais, seu tempo, idade e disponibilidade. Desde sua primeira formação, o Ocupa Alemão contava com uma minoria universitária, uma maioria jovem e negra. Éramos um grupo de pessoas não brancas e pretas, que até 2015 não tínhamos um título acadêmico. Atuando há sete anos dentro desta perspectiva combativa, hoje o Ocupa Alemão denomina-se Ocupa Alemão: Favela/Quilombo. Entre 2013 e 2017 integrei o coletivo cuja formação variava entre cinco a vinte integrantes. As formações que existiram na história política do coletivo tinham um eixo de vivência que era comum a todos: os afetos que nos impulsionavam. Ódio, medo, desamparo, experimentados por uma vida jovem criada dentro da favela, onde a

violência impera enquanto estrutura educativa, ora nos fazendo paralisar ora nos fazendo reagir. Quando compreendemos que a favela e os quilombos brasileiros têm forte relação e semelhanças históricas e políticas, encontramos em Abdias do Nascimento uma proposta organizacional que nos fez (re)agir tendo como princípio nos cuidar, pessoalmente e coletivamente. Estudar a nós mesmos e nos ensinar, produzir para dentro, reproduzir o conhecimento local, produzir conhecimento a partir das nossas vivências, e fundamentalmente nos organizar enquanto povo, nos descolonizar. Conforme Abdias do Nascimento sugere: "precisamos e devemos codificar nossa experiência por nós mesmos, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses da população negra e de sua respectiva visão de futuro¹." Hoje a principal atividade que pulsa o Ocupa Alemão é a construção coletiva da Escola Quilombista Dandara dos Palmares, uma escolinha comunitária que tem por objetivo cuidar, amparar, dar suporte e produzir conhecimentos com crianças do ensino fundamental (5-12 anos) no contraturno de suas escolas formais, trabalhando fundamentalmente na contramão da colonização, buscando a totalidade de suas expressões, atendendo a demanda de suas necessidades escolares, buscando o desenvolvimento global de seus corpos. Assim como o Ocupa Alemão, a Escola Dandara dos Palmares não conta com qualquer apoio institucional tampouco auxílios governamentais de nenhuma ordem.

A experiência do produzir juntos, durante estes anos de atuação comunitária do Ocupa Alemão, de viver as transformações individuais, as adaptações coletivas, as violências territoriais, os impactos das políticas públicas no nosso território, o racismo estrutural, o amadurecimento político do grupo, o amadurecimento pessoal, e tantas outras experiências pelas quais fomos e somos afetados me fez compreender que se trata de uma vivência em educação, essencialmente. Um cotidiano real de

ensinoaprendizagem. Como sugere Silvio Gallo, citando Deleuze e Guattari, uma educação que acontece “como um cão que cava seu buraco, um rato que faz sua toca”². Não sugiro que a prática política “pedagógica” do Ocupa Alemão seja deleuziana, e não me proponho a enunciar ou denominar teoricamente nossos processos, mas traçar um paralelo de uma produção de conhecimento no cotidiano, intensa, e sem moldes ou parâmetros curriculares. Sugiro aqui relacionar a vivência coletiva organizada como sendo um cotidiano de produção de conhecimentos: políticos, comunitários e científicos. A convivência e as relações que estabelecemos nos 'pulsavam' e ainda 'pulsam' para saber mais, produzir e ler conteúdos que nos apresentem saídas políticas, buscar maior consciência corporal, adquirir autonomia, pulverizar autoestima positiva, vetorizar os afetos negativos, estabelecer focos e planejamentos pessoais. E ainda estudar nossa história, ouvir nossos avós e os mais velhos da comunidade, produzir música, poesia e textos, formar famílias. Penso que as relações de afetações que acontecem entre os vários integrantes do coletivo e o que as propostas de atividades políticas culturais dentro do território e os seus impactos constroem, são sentidas por mim como propostas de educação comunitária e geram uma militância cibercultural estratégica, geram movimentos de planejamentos pessoais que visam autonomia e ascensão econômica, espelhamento em experiências anteriores de lutas comunitárias e legados para as gerações posteriores, entre tantos outros produtos de um cotidiano que é contrário à hierarquização das relações sociais.

Sobre a autora:

Caroline Lucena é mestranda em Educação pelo PROPED – Programa de Pós Graduação em Educação da UERJ, na Linha de Pesquisa Cotidianos,

Redes Educativas e Processos Culturais. Licenciada em Artes Visuais pela UERJ atua como professora especialista na rede privada de ensino no Rio de Janeiro.

REFERÊNCIAS:

GALLO, Silvio. Deleuze & a Educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GALLO, Silvio. Em torno de uma educação menor.

NASCIMENTO, Abdias. O quilombismo. 2ª ed. Brasília/Rio de Janeiro: Fundação Palmares/ OR Editor Produtor Editor, 2002.

SAFATLE, Vladimir (2015) O circuito dos afetos. Corpos Políticos, Desamparo e o Fim do Indivíduo. 2ª ed. rev; 4 reimp. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2018.